

“Se ele sobreviver, vai vegetar”

Sobre agência, aprendizado e experiência sensorial entre as crianças nascidas com a SCZV

Amanda Antunes R. S. de Oliveira
Pesquisadora de AT/CNPq
Mestranda do PPGAS/UnB
amandaarso12@gmail.com

A frase que ilustra o título foi uma das principais sentenças negativas que as mães das crianças nascidas com a Síndrome Congênita do Zika Vírus (SCZV) ouviram durante o início da epidemia de 2015-2016. A medicina estava diante de um fenômeno muito novo e, três anos após receberem tais sentenças, as crianças demonstram suas formas muito particulares de aprendizado e engajamento no mundo. Nesse trabalho, busquei mostrar através de textos e imagens como as “crianças de micro” têm desafiado esse diagnóstico ao demonstraram suas formas de agenciamentos e afetos, bem como refletir sobre os processos de aprendizados envolvidos nesse contexto.

Os dados têm sido construídos em trabalho de campo no Recife/PE feitas pelas equipes de pesquisadoras ligadas ao projeto de pesquisa “Zika e microcefalia: Um estudo antropológico sobre os impactos dos diagnósticos e prognósticos das malformações fetais no cotidiano de mulheres e suas famílias no Estado de Pernambuco”. Participei da visita mais recente, em setembro de 2018, dialogando com as mães e terapeutas e observando sessões de terapias no Centro de Reabilitação e Valorização da Criança (CERVAC), instituição com mais de 30 anos que atua no Morro da Conceição.

As crianças de micro têm demonstrando suas próprias potencialidades tanto como aprendem e reaprendem, quanto na possibilidade de estarem também ensinando. Uma das médicas disse o seguinte: “Eu aprendi sobre a Zika com meus pacientes” e uma mãe de micro disse “Aqui, todo mundo vai aprendendo [com ele]”. Essa dinâmica sugere uma inversão de uma ideia mais convencional de hierarquia de saberes e ensinamentos, demonstra um tipo de “agência de resistência” (Ortner, 2006) e indica como essas crianças estão transformando um contexto, bem como mobilizando as pessoas que fazem parte de seus cotidianos.

Machado (2005) ao refletir também sobre agência e aprendizado, diz que “(...) as crianças cegas, eu ou qualquer outro organismo vivo, todos se engajam no mundo” (p.174). Entre as crianças de micro, há todo um processo de aprender e reaprender a experimentar modalidades sensoriais. Há terapias de estímulo visual, estímulo auditivo,

treinamentos para diferenciar toques, texturas, temperaturas, etc. Em geral, o aprendizado é visto como algo dado (Machado, 2005), por isso, a observação das terapias reabilitadoras entre as “crianças de micro” se apresenta como uma oportunidade privilegiada para pensar o **aprendizado dos sentidos**. Ao observar as terapias, notei a experiência sensorial, tal como sugerida por Ingold, como “aspectos do funcionamento do corpo inteiro em movimento” (2008:19).

Contrariando o primeiro momento dos diagnósticos médicos, portanto, pode-se considerar que as crianças de micro não vivem alheias ao mundo, mas cada vez mais transformam seus contextos, desafiando a medicina e demonstrando novas formas de engajamento no mundo.

Referências:

INGOLD, Tim. “Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano”. *Ponto Urbe*, 3. Acesso em 01/11/2018 <http://pontourbe.revues.org/1925>.

MACHADO, Fernanda Eugenio. “Agência e aprendizado entre crianças cegas: De como lidar com o espaço e distribuir-se no mundo”. In: CAVEDON, Neusa e LENGELER, Jorge (orgs.) *Pós-modernidade e etnografia nas organizações*. Santa Cruz: Edunisc, 2005, pp. 171-91.

ORTNER, Sherry B. „Poder e projetos: reflexões sobre a agência”. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry. *Conferências e diálogos: Saberes e práticas antropológicas*– Blumenau: Nova Letra, 2007, pp. 45- 80.